

# O circuito da produção de um impresso pornográfico: estratégias e táticas

Natanael Duarte de Azevedo

UFPB

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa

UFPB

## Resumo

O presente artigo busca observar o lugar de autoria assumido pelos jornais pornográficos, ditos licenciosos, que circularam no cenário luso-brasileiro durante o século XIX. Para esse trabalho, objetivamos analisar no jornal *A Pérola* os papéis de autoria anônima, de acordo com o modelo de circuito de impressos, proposto por Darnton (2010) que via a autoria presente nas teias da materialidade do texto. Essa prática de reconhecer a materialidade do texto e a prática de leitura durante uma investigação segue o que propõe Darnton (2010, p. 145): “Com efeito, a tipografia, o estilo e a sintaxe determinam como os textos transmitem os sentidos.” Por fim, tentaremos perceber a dialética presente na relação dual estratégia/tática-editor/leitor, segundo de Certeau (2012), para compreendermos a motivação do consumo em grande escala de um produto proibido – os jornais licenciosos, ou jornais “para serem lidos com uma mão só”, eram repudiados por uma sociedade que se matinha sob a ótica do poder do cristianismo, do Estado e da medicina – burlando o sistema censório luso-brasileiro em nome do lucro (editores e impressores) e do prazer (leitores e leitoras oitocentistas).

**Palavras-chave:** impressos oitocentistas; literatura pornográfica; autoria.

## Abstract

The present article aims to observe the authorship of the licentious pornographic newspapers that circulated in the Luso-Brazilian space during the nineteenth-century. For this work we analyzed the newspaper *A Pérola* that has an anonymous authorship, according to the model of printed circuit proposed by Darnton (2010). For this author, the authorship is in the webs of the text's materiality. This practice of recognizing the materiality of the text and the reading practice during an investigation follows Darnton's proposal (2010, p. 145): “Com efeito, a tipografia, o estilo e a sintaxe determinam como os textos transmitem os sentidos.” Finally, we will try to understand the dialectic in the dual relationship strategy / tactic editor / reader, according to de Certeau (2012), in order to understand what motivates the large-scale consumption of a forbidden product – the licentious newspapers, also known as newspapers “to be read with one hand”, were repudiated by a society under the powers of the Christianity, the State and the Medicine – bypassing the Luso-Brazilian censorial system for the benefit of profit (publishers and printers) and pleasure (nineteenth-century readers).

**Keywords:** nineteenth-century printed; pornographic literature; authorship.

### Considerações iniciais

O presente artigo<sup>1</sup> busca observar o lugar de autoria assumido pelos jornais pornográficos, ditos licenciosos, que circularam durante o século XIX. Para esse trabalho, objetivamos analisar no jornal *A Pérola* (1879-1880) os papéis da autoria anônima e do trajeto entre o editor e o leitor. No que diz respeito à autoria, guiar-nos-emos de acordo com o modelo de circuito de impressos, proposto por Darnton (2010). Segundo o pesquisador, a autoria se revela presente nas teias da materialidade do texto. Essa prática de reconhecer a materialidade do texto e a prática de leitura durante uma investigação segue o que propõe Darnton (2010, p. 145): “Com efeito, a tipografia, o estilo e a sintaxe determinam como os textos transmitem os sentidos.” Por fim, tentaremos perceber a dialética presente na relação dual estratégia/tática–editor/leitor, segundo Certeau (2012), para compreendermos a motivação do consumo em grande escala de um produto proibido – os jornais licenciosos, ou jornais “para serem lidos com uma mão só”,<sup>2</sup> eram repudiados por uma sociedade que se matinha sob a ótica do poder do cristianismo, do Estado e da medicina – burlando o sistema censório em nome do lucro (editores e impressores) e do prazer (leitores e leitoras oitocentistas).

Tomamos o jornal *A Pérola* (1879-1880) como fonte e objeto de nossa investigação devido a sua importância na historiografia tanto do jornal como da literatura pornográfica, já que o jornal em questão é considerado o primeiro jornal erótico, segundo os editores da tradução portuguesa.<sup>3</sup>

Na tentativa de avançarmos na discussão em torno dos estudos que tomam os jornais como fonte e objeto de pesquisa, propomos aqui uma abordagem mais direta do jornal e das teorias que servem de base para nossa análise, ou seja, não nos prenderemos a repetir “discursos de verdade” já instaurados, mas sim aplicar a teoria no nosso objeto de investigação.

Sendo assim, dividiremos o nosso trabalho em três partes, a saber: 1) Um jornal pornográfico anônimo? Nessa seção, discutiremos até que ponto se pode

---

<sup>1</sup> Pela natureza do evento e limitações de páginas, nós tentaremos condensar o máximo possível de nossa pesquisa.

<sup>2</sup> Essa expressão foi usada por Rousseau (2011) no século XVIII, em suas *Confissões*, para se referir a certos “livros perigosos”, obras estas que englobavam romances, tratados filosóficos, textos políticos e textos licenciosos.

<sup>3</sup> *A Pérola* (título original, *The Pearl*) foi traduzida por Maria Emília Ferros Moura e publicado pela editora Livros do Brasil (por ter caído em domínio público, outras editoras publicaram o jornal, a exemplo da editora Alameda).

desconsiderar a autoria do jornal *A Pérola* (1879-1880), se tomarmos por base os estudos de Darnton (2010), segundo o que nos parece, um impresso se instaura como objeto a partir de múltiplas autorias, ou melhor, usando o termo imputado pelo historiador, um “circuito” no qual cada elemento é responsável pela produção e circulação de um dado texto, seja ele jornal, livro, folheto, entre outros; 2) Estratégia/tática–editor/leitor: um jogo de “gato e rato” em nome do lucro e do prazer: Nessa segunda seção, abordaremos os conceitos de “estratégia” e “tática”, propostos por Certeau (2012) e suas implicações com o papel do editor e do leitor, levando em consideração o jornal *A Pérola* (1879-1880) como objeto de lucro e de prazer; 3) Por fim, libertinagem e voyeurismo: algumas conclusões parciais: Em nossa última seção, apresentaremos algumas conclusões parciais acerca das discussões empreendidas ao longo do artigo, tendo sempre o foco na análise do jornal *A Pérola* (1879-1880) como um enunciado instaurado sócio-histórico-politicamente, uma vez que podemos observar, assim como ocorre com todos os jornais oitocentistas, que há um diálogo direto entre a produção de um jornal e os discursos presentes numa dada época.

Para entendermos melhor o nosso objeto de pesquisa, faremos uma breve descrição do jornal *A Pérola* nessas considerações iniciais do artigo. Gostaríamos de destacar que o texto produzido para o evento em questão é um recorte de nossa tese de doutorado intitulada *Trajetórias pornográficas: O Riso* pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros do grande século XIX.

Segundo os editores portugueses supracitados,<sup>4</sup> o jornal foi “editado anonimamente” e circulou pela Europa (sendo o primeiro jornal do gênero) nos anos de 1879-1880. A tradutora, Maria Emília Ferros Moura, fez uma compilação dos números do jornal disponíveis e publicou-os em língua portuguesa no formato de livro. O jornal publicou 18 números<sup>5</sup> que circularam durante a vigência de dois anos. Diferentemente dos jornais oitocentistas, *A Pérola* não trazia divulgações do comércio da época nem gêneros comuns aos impressos, como a crônica, anedotas, críticas pessoais, políticas e aos jornais concorrentes etc. O impresso era voltado para os gêneros literários<sup>6</sup> (poesia, contos, romances folhetim, epístolas etc.).

---

<sup>4</sup> Ver a nota 3.

<sup>5</sup> Foram publicados ainda dois suplementos de Natal, aos quais não tivemos acesso.

<sup>6</sup> Não nos deteremos às análises literárias, pois esse não é o foco do nosso trabalho para este evento. A discussão em torno da literatura estará presente em nossa tese.

Apenas no número 17 (*A Pérola*, n. 17, 11/1880), nas últimas páginas do jornal, há uma coluna dedicada aos anúncios. Na verdade, os itens anunciados corroboram a temática perversa e libertina do jornal. São anunciados quatro itens, a saber: 1) “Uma virgindade”: divulga-se o leilão de uma virgem; 2) “Aos apreciadores de boas mercadorias”: informa sobre o carregamento de jovens (de 8 a 16 anos) para serem vendidas como mercadoria de sexo; 3) “Religião”: convida os leitores para uma conferência proferida por um reverendo acerca da relação sexual entre pai e filhas, além de uma outra conferência sobre como satisfazer um harém; 4) “Circuncisão”: um reverendo falará sobre o tema e as vantagens dos pênis circuncidados, mas o convite é voltado exclusivamente para as mulheres e a entrada é gratuita.

No que diz respeito às composições literárias presentes n’*A Pérola*, observamos uma aproximação com os textos (e manifestos) da filosofia libertina. Além de haver uma descrição “desmetaforizada”<sup>7</sup> dos atos sexuais, os gêneros literários presentes no jornal abordavam, principalmente, o defloramento de donzelas e a divulgação do sexo sem limites e sem restrições. O ato sexual descrito (em especial, no romance folhetim que circulou nos números do jornal “LA ROSE D’AMOUR: ou as aventuras de um cavalheiro em busca do prazer”, traduzido do francês) tinha por objetivo uma “conversão” ao modo libertino de encarar o prazer, ou seja, o gozo era o principal objetivo a ser alcançado e não havia nenhuma preocupação com regras de cunho moral, social ou religioso.

Ao todo, são mais de 23 textos que variam entre poemas, contos, romance folhetim, cartas etc. Interessa-nos, em especial, o romance *La Rose D’Amour* por sua longevidade, uma vez que foi publicado em quase todos os números do jornal.

Destarte, vemos como relevante uma análise do jornal *A Pérola*, uma vez que, de acordo com levantamento realizado em nossa pesquisa de doutoramento, pouco ou quase nada se falou sobre esse jornal, muito menos com o caráter historiográfico e literário.

### **Um jornal pornográfico anônimo?**

---

<sup>7</sup> As cenas de sexo são descritas da forma mais direta possível sem a utilização de termos (metáforas) que atenuem as formas de obtenção do prazer, assim como faziam os autores libertinos (cf. SADE [1795], por exemplo). Por outro lado, autores como Richardson (1803) e Diderot (1986), usavam a temática erótica em seus romances, mas de uma forma mais “discreta”, uma vez que mantinham uma relação direta entre o amor e o sexo.

O questionamento do título de nossa seção reclama dois pontos centrais para o desenvolvimento de nossa discussão: o lugar do anonimato nos jornais e o que podemos considerar como autoria dos impressos.

De acordo com Barbosa (2007, p. 32), em seus estudos sobre a história da literatura e da leitura nos jornais oitocentistas luso-brasileiros,<sup>8</sup> “observa-se uma tendência forte ao anonimato”, mas essa configuração de autores/editores anônimos e/ou a utilização de pseudônimos vem de além-mar. Na Corte brasileira, os proprietários e editores de jornais imitavam os impressos europeus em relação ao anonimato dos textos (em especial, ingleses e franceses). Os editores da Europa utilizavam desta feita ou para se prevenir das punições legais, ou por não ter importância o nome do “autor”, “talvez porque a prevalência seja a da palavra escrita e não daquele que escreve” (BARBOSA, 2007, p. 35). Para Barbosa, ainda sobre o cenário da imprensa brasileira de oitocentos, “parece ser menos um ‘fraqueza’ ou ‘defeito’ [...] do que uma marca da linguagem jornalística no século XIX” (BARBOSA, 2007, p. 32).

Fica evidente após a leitura dos números que circularam d’*A Pérola* que o anonimato ocorre não só pela *marca da linguagem jornalística* de oitocentos, mas, principalmente, por uma prevenção, uma vez que a temática pornográfica feria os bons costumes e a moral vitoriana. Segundo os editores portugueses:

Não é, pois, a puritana vida da Inglaterra, tal como estamos habituados a considerá-la, o que nos revela nas páginas frívolas deste livro alegre e humorístico. Uma sensualidade a que não falta um toque de perversão, um modo facecioso de encarar a vida, uma rotina constante de prazer. (A PÉROLA, s. d., orelha)<sup>9</sup>  
Libertinagem, sadismo mitigado, frivolidade e humorismo, são ingredientes desta obra inesquecível que fez as delícias de tantas gerações. (A PÉROLA, s. d., texto da contracapa)

---

<sup>8</sup> O estudo empreendido por Barbosa (2007) diz respeito à imprensa luso-brasileira do século XIX, mas como bem apontou em sua pesquisa, essa realidade da materialidade e a configuração do impresso dizem muito do cenário ocidental. Não restringimos, portanto, nossa análise ao contexto luso-brasileiro. Assim, tomaremos as questões levantadas pela estudiosa sobre a pesquisa em jornais e nos apropriaremos de suas afirmações tanto para a realidade inglesa como para os demais países.

<sup>9</sup> Como já dissemos, trabalhamos com a tradução portuguesa do jornal *A Pérola* que foi editado no suporte livro. Os originais do *The Pearl* encontram-se na Biblioteca nacional de Londres (cf. <[RCL | \*Convergência Lusíada\* n. 32, julho - dezembro de 2014](http://explore.bl.uk/primo_library/libweb/action/display.do?tabs=moreTab&ct=display&fn=search&doc=BLL01002850930&indx=266&recIds=BLL01002850930&recIdxs=5&elementId=5&renderMode=pop pedOut&displayMode=full&frbrVersion=&dscnt=0&scp.scps=scope%3A%28BLCCONTENT%29&frbg=&tab=local_tab&dstmp=1406658008343&srt=lso01&mode=Basic&vl(488279563UI0)=any&dum=true&tb=t&vl(freeText0)=pearl&vid=BLVU1>”). Acesso em: 29 jul. 2014.</a></p></div><div data-bbox=)

O artifício mais provável, por tratar de temas que vão de encontro com a solidez e o puritanismo britânico, é a proteção. Mas outros motivos não podem ser desconsiderados, como bem observou Barbosa (2007, p. 33): “Uma das razões, a mais óbvia talvez, diz respeito à necessidade de proteção, seja da autoridade, seja da reputação, ou até mesmo, no caso das mulheres, de algum pai ou marido ciumento.”

De acordo com essa perspectiva do anonimato, preocupamo-nos em mostrar como a autoria pode ser vista por outro ângulo, ou seja, não a do “nome” do autor, mas de todos os elementos responsáveis pela produção de um impresso.

Traçaremos esse caminho, segundo a propositura de circuito por Darnton (2010), guiando-nos pelos elementos a seguir: autor, editor, impressor, distribuidor, vendedor e leitor.

No que diz respeito ao autor, o impresso é atribuído ao editor Lazenby, que fez do impresso *A Pérola* uma forma de renda, mas também de crítica à sociedade vitoriana.

William Lazenby<sup>10</sup> (morreu por volta de 1888) atuou na década de 1870 e 1880 no ramo da literatura pornográfica, vindo a ser condenado por sua atuação. Ele usou os pseudônimos “Duncan Cameron” e “Thomas Judd” como era de costume no cenário jornalístico, principalmente pelo fato de burlar as leis inglesas em nome da disseminação de obras licenciosas. O editor publicou outros textos licenciosos, mas o jornal *A Pérola* foi responsável por sua condenação, porém o deixou registrado na historiografia da imprensa vitoriana. Muitos dos poemas publicados no jornal foram, posteriormente, atribuídos ao escritor aristocrata Algernon Charles Swinburne (segundo pesquisas o escritor foi indicado ao Nobel de Literatura). Um dos indicativos de sua ligação com os poemas pornográficos se dá por

sua mania de masoquismo, particularmente flagelação, provavelmente começou no Eton e foi incentivado por suas amizades posteriores com Richard Monckton Milnes (um dos companheiros de apostolado de Tennyson), que o apresentou às obras do Marquês de Sade, e Richard Burton, o explorador vitoriano e aventureiro.<sup>11</sup> (EVERETT, 2000; tradução nossa)

---

<sup>10</sup> Para mais informações, cf.: <<http://www.encyclo.co.uk/define/William%20Lazenby>>. Acessado em: 26 jul. 2014.

<sup>11</sup> Para mais informações, cf.: <<http://www.victorianweb.org/authors/swinburne/acsbio1.html>>. Acesso em: 26 jul. 2014.

Não podemos precisar se o escritor é o autor dos poemas pornográficos, pois nada ficou registrado no jornal ou por cartas. Há apenas a associação pela temática libertina presente nos poemas do jornal e que Swinburne publicou. Vale salientar que no período em que o jornal circulou Swinburne ainda era vivo, vindo a morrer no ano de 1909.

De acordo com os dados catalográficos da Biblioteca Nacional de Londres, *A Pérola* foi impressa pela *Society of Vice: London-Paris*. A relação entre esses dois centros urbanos da Europa oitocentista se dá tanto pelo diálogo com os romances licenciosos, como pelo comércio editorial da época. É importante também ver que Lazenby mantinha uma boa relação com o mercado francês a partir de duas pistas deixadas no jornal e em sua biografia: 1) ao romance folhetim “*La Rose D’Amour*: ou as aventuras de um cavalheiro em busca do prazer” não é indicada uma autoria, mas o jornal apresenta como sendo traduzido do francês; 2) Após ser condenado pela divulgação de material licencioso, Lazenby vai viver na França e continua com a produção de obras pornográficas.

Essas duas pistas nos mostram não apenas a relação de Lazenby com a França, mas demonstra um costume comum a época: a tradução e/ou cópia de textos sem a devida filiação. De acordo com Barbosa (2007, p. 47), “a adaptação, a tradução, a cópia e a imitação de textos estrangeiros” são algumas das estratégias utilizadas pelos editores de jornais.

Por outro lado, vemos na figura que o jornal saiu por outra empresa impressora:

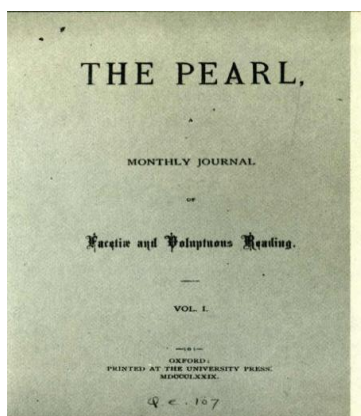


Figura. Capa do primeiro volume d’*A Pérola*, de 1879.

Apesar de os dados catalográficos da Biblioteca Nacional de Londres indicarem que *A Pérola* foi impressa pela *Society of Vice: London-Paris*, vemos na capa do jornal a indicação de que a publicação foi em Oxford, Imprensa Universitária. Esse fato nos leva a inferir que havia um certo “consentimento” com a publicação desse jornal, uma vez que sua impressão ocorreu no âmbito acadêmico inglês.

Acerca dos distribuidores e dos vendedores, não temos nenhum dado registrado, mas podemos deduzir que, assim como ocorreu na França, “desde o século XVI até nossos dias, a literatura não ortodoxa tem sido transportada clandestinamente em enormes quantidades, de modo que sua influência varia conforme a eficiência do contrabando” (DARNTON, 2010, p. 143).

É pela dificuldade de encontrarmos registros sobre o papel dos distribuidores e vendedores, principalmente de obras licenciosas, uma vez que circulavam na clandestinidade, que os historiadores da literatura sentem esse hiato na construção de uma historiografia mais precisa, ou, nas palavras de Darnton (2010, p. 142): “Pouco se sabe sobre a maneira como os livros saíam das gráficas e chegavam aos depósitos.” Assim como ocorre com os livros, veem-se as mesmas estratégias e dificuldades para circulação de jornais proibidos.

No que diz respeito ao leitor, não temos como avançar na discussão, pois nada temos como testemunho documentado (testamentos, assinaturas, bloco financeiro do editor etc.) dos leitores do jornal. Mas, por outro lado, não podemos deixar esse elemento do circuito – o leitor – na obscuridade. Devemos seguir o caminho apontado por Darnton (2010, p. 125), dada a importância do fechamento do circuito, de que “o leitor encerra o circuito porque ele influencia o autor tanto antes quanto depois do ato de composição. Os próprios autores são leitores”. Assim como observamos nos dados sobre o editor, supomos um leitor que comungue do mesmo estilo, ou seja, uma literatura libertina, licenciosa e satírica. Vemos aqui não um leitor real ou almejado, mas um leitor representado, segundo Chartier (1997), que viveu em uma dada sociedade (Inglaterra de oitocentos) marcada por questões sociais, políticas e culturais (em destaque, como afirmaram os editores da versão portuguesa, uma comunidade leitora “aparentemente severa” e pudica, mas que na intimidade de uma leitura secreta, entregasse aos mais íntimos desejos). É esse o leitor, homens e mulheres, no “auge do imperialismo” inglês, entre 1879-1880, que consumia o jornal *A Pérola* seja com o



intuito de saborear o tom humorístico de crítica à aristocracia inglesa de fim de século, seja com os mais desnudados desejos pelo tom libertino presente no impresso.

Ora, vemos que pelo funcionamento de um circuito que pressupõe a importância de todos os elementos que são responsáveis pela composição de um impresso não podemos considerar o jornal anônimo, em especial *A Pérola*, como isento de um autor, ou melhor, de uma autoria(s). Cada elemento do circuito (autor, editor, impressor, distribuidor, vendedor e leitor) ilustra bem como se molda e se compõe não apenas um impresso, mas um discurso de uma época.

### **Estratégia/tática-editor/leitor: um jogo de “gato e rato” em nome do lucro e do prazer**

Para construirmos uma historiografia que se distancia do cânone literário e que rompe com modelos de moral e bons costumes, precisamos pensar em que estratégias foram utilizadas para composição e circulação de um impresso licencioso e quais as artimanhas de leitor para usufruir de uma leitura proibida.

Destarte, tomaremos como estratégia “o cálculo (ou a manipulação)” (CERTEAU, 2012, p. 93) utilizada pelo editor de *A Pérola*, uma vez que, como já mencionamos, apropria-se de um anonimato para produção e circulação do jornal. É na relação intrínseca entre o ato de esconder o “seu nome” que se dá o início desse “jogo” de manipulação.

É por uma autoria velada, mas não inexistente, como já vimos, que o lugar da estratégia associa-se como diz Certeau (2012) a um “lugar de poder”, ou seja, pela escolha dos gêneros literários (crônicas, romances, contos, cartas etc.) e uma abordagem temática da pornografia libertina, verificamos que ao editor cabia a manipulação do desejo do outro (o leitor), mas descortinava, ao mesmo tempo, críticas aos modelos aristocráticos da Inglaterra de fim de século XIX. No caso do romance folhetim supracitado, *La Rose D'Amour*, muito além das descrições minuciosas das aventuras sexuais do jovem aristocrata inglês, estava evidente a denúncia de uma sociedade vitoriana que se entregava aos mais perversos desejos sexuais.

Devo pedir nesta altura ao leitor que não se esqueça da minha anterior afirmação ou seja que os membros da sociedade que se entregavam a estes prazeres na mansão pertenciam às famílias mais nobres do reino. Sempre que um cavalheiro era iniciado naquela sociedade tinha de ir acompanhado e de apresentar qualquer parente feminino,

uma irmã, prima ou amante a fim de que ao ter relações com os familiares de outros membros não estivesse em vantagem sobre eles no aspecto de honra. (*A Pérola*, n. 10, abr. 1880, p. 7)

Acentua-se, principalmente, o poder exercido pelos que detém uma fortuna grandiosa (herdada pela morte do pai, como é o caso do personagem principal) e a ambição ou falta de limites pelos desejos sexuais mais libertinos. Há, na ficção, uma sociedade que comunga dos mesmos preceitos morais e sexuais e, por outro lado, há uma sociedade real que é manipulada ao consumo de bens, tais como o jornal *A Pérola*.

Para que o “jogo” se complete, é necessário ter o outro movimento do consumo, ou seja, a tática. Tomamos, como disse Certeau (2012, p. 94), a tática como “a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio”, “não tem por lugar senão o do outro”. Por essa ótica, vemos um leitor que busca nas páginas do jornal *A Pérola* ou o caminho da excitação sexual, mediante as descrições das cenas de sexo, ou do regozijo pela crítica à aristocracia inglesa. Seja qual via for escolhida, o leitor, ao que nos parece, completa-se na/pela linguagem (aqui a palavra impressa). Toma o outro – o jornal – como objeto de obtenção de prazer e de consumo, ao mesmo tempo em que estabelece o lugar da estratégia dado ao editor que vai edição a edição manipulando e alimentando os mais secretos desejos do leitor. É claro que não devemos esquecer que nesse movimento intrínseco da composição do impresso e do consumo do leitor está clara a obtenção do lucro, por parte de editor do jornal, e do prazer, por parte do leitor.

O fato de termos um jornal que publicou 18 números mensais e dois suplementos de Natal com um conteúdo lascivo e crítico, indica-nos que a procura pela *A Pérola* era vantajosa tanto para o editor como para o leitor. Não devemos perder de vista que, de acordo com informações coletadas e mencionadas sobre o editor, o fato de Lazenby ter sido processado pode ter determinado o fim de um jornal que ainda poderia ter produzido muito mais material.

### **Libertinagem e voyeurismo: algumas conclusões parciais**

Em nossa última seção, como já indicamos na introdução, construiremos um apanhado parcial das informações coletadas em nossa pesquisa. O foco principal é em um enunciado instaurado sócio-histórico-politicamente, ou seja, pelas produções literárias presentes no jornal, podemos inferir que a comunidade leitora vitoriana

poderia encontrar um discurso crítico com tom jocoso à aristocracia inglesa de fim de século XIX e ao mesmo tempo o impresso apresenta um discurso datado do século XVIII que é a filosofia libertina. Dessa forma, vemos dois caminhos para o voyeurismo do leitor: a descrição frívola e perversa das relações entre membros da elite inglesa e a obtenção do gozo pelas detalhadas cenas de sexo libertino.

A tática de olhar “pelo buraco da fechadura”, ou pela “sombra de um castiçal”, o sadismo mitigado praticado pelos membros mais nobres do reino atira o leitor e o faz se encontrar no outro, como afirma Certeau (2012), comungando dos mesmos prazeres sexuais, mesmo que seja na clandestinidade ou no anonimato.

Mas o fato de serem anônimos, leitores e editor, não nos levam a um caminho de obscuridade e incertezas. É pela via do circuito de impressos de Darnton que podemos resgatar, ao menos o que nos é possível, a construção de um impresso que representa de forma não ortodoxa a sociedade inglesa oitocentista e os desejos mais lascivos presentes na construção do jornal *A Pérola*.

#### **Referências**

- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Literatura e periódicos no século XIX: perspectivas históricas e teóricas*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. 19. ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CHARTIER, Roger. *A ordem dos Livros*. Trad. Leonor Graça. Lisboa: Vega, 1997.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DIDEROT, Denis. *Jóias indiscretas* [1748]. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Global, 1986.
- EVERETT, Glenn. A. C. *Swinburne: biography*. Disponível em: <<http://www.victorianweb.org/authors/swinburne/acsbio1.html>>. Acesso em: 10 de julho de 2000.
- RICHARDSON, Samuel. *Pamela or Virtue Rewarded* [1740]. Manchester: Russel and Allen, 1803. vol. I.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *As confissões*. Trad. Wilson Lousada. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- SADE. *La philosophie dans le boudoir* [1795]. Paris: J. J. Pauvert, 1954.

#### **Periódicos consultados**

- A PÉROLA. Tradução de Maria Emília Ferros Moura. vol. II. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s. d.
- THE PEARL. London: Society of Vice: London-Paris, 1879-1880.

### **Minicurrículo**

Natanael Duarte de Azevedo é aluno de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB).

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa é professora doutora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV/UFPB) e do PPGL/UFPB.